

“Soldados da instrução” e a emergência da imprensa pedagógica na capital do Brasil (1877-1878)

Los “soldados de la instrucción”
y el surgimiento de la prensa pedagógica
en la capital de Brasil
(1877-1878)

“Soldiers for Public Instruction” and
the emergence of a pedagogical press
in Brazil’s capital
(1877-1878)

José G. Gandra

(UERJ/CNPq/FAPERJ)

Universidade do Estado do Rio de Janeiro,

gandra.uerj@gmail.com

Resumo

Nesse artigo, realizo dois movimentos para dar sustentação à tese da imprensa como elemento de imposição e homogeneização cultural. No primeiro movimento, me aproximo dos estudos sobre a história da imprensa e, de modo particular, das revistas pedagógicas. Em um segundo, exploro um periódico editado na capital do Brasil entre 1877 e 1878, que se autodescreve como a primeira folha especializada nos domínios da educação e ensino no Brasil. Desse conjunto, apesar dos enquadramentos, procedimentos e situações de enunciação muito distintas, procurei extrair algumas notas comuns que destacam o relevo da imprensa e, de modo particular, da imprensa pedagógica na construção de um ofício especializado e na difusão de um largo conjunto de convenções necessárias para tornar possível se imaginar como parte de uma comunidade.

Palavras-chave: imprensa, imprensa pedagógica, Revista A Escola, comunidades imaginadas, nacionalidades.

Resumen

En este artículo realizo dos movimientos para sostener la tesis de que la prensa es un elemento de imposición y homogeneización cultural. En el primero, me acerco al estudio de la historia de la prensa y en particular de las revistas pedagógicas. En el segundo, exploro una revista publicada en la capital de Brasil entre 1877 y 1878, que se describe como la primera hoja especializada en la educación y la enseñanza en Brasil. De esta doble entrada, con marcos de trabajo, procedimientos y situaciones de enunciación muy distintas entre sí, extraigo algunas notas comunes que ponen de relieve la importancia de la prensa y en particular de la prensa pedagógica en la construcción de un oficio especializado, así como en la difusión de un amplio conjunto de convenciones necesarias para hacer posible que los profesores se puedan imaginar a sí mismos como parte de una comunidad.

Palabras clave: *prensa, prensa pedagógica, Revista Brasileña A Escola, comunidades imaginadas, nacionalidades.*

Abstract

In this article I argue that the press is a tool of cultural imposition and homogenization. In order to do so, I first look at the history of the press and especially of pedagogical journals. Secondly, I examine a journal published in Brazil's capital between 1877 and 1878, which described itself as the first specialist publication on education and teaching in Brazil. On the basis of these two analyses, and in spite of the diversity of frameworks, procedures and forms of enunciation found, I draw out some common points which highlight the importance of the press in general, and of the pedagogical press in particular, for the construction of a specialist trade and for the diffusion of a broad set of common rules that make it possible for teachers to imagine themselves as part of a community.

Keywords: *press, pedagogical press, Brazilian Journal A Escola, imagined communities, nationalities.*

O que pode ser em verdade (...) o professor, mestre-escola, percutido por mil necessidades domésticas e morais, percebendo mesquinho salário e roubando ao estudo as horas que para ele sempre são poucas; empregando-as em outras atividades, que lhe assegurem o sustento do corpo, a ele o inoculador direto do sustento espiritual? (...)

Que inoculação de respeito social, que de grande elevação pátria recebem assim os educandos, os discípulos, frutos de árvores tão mal queridas? (...)

Finalmente, que esperança alimenta um pai de família, esclarecido ou rude, de vida amena ou trabalhosa, vendo o caminho que segue o filho, encarando o desamor em que é tida a mais nobre das classes, aquela que forma os cidadãos; indagando da solicitude que tem lugar

em outras partes e comparando-a com a nossa? Descrê do futuro do filho e por consequência não confia no porvir de sua pátria”.

(Affonso Herculano de Lima, 8/1/1878 – A Escola, n. 3, 1878)¹

Introdução

As três indagações formuladas por A. Herculano Lima, em 1878, articulam-se em torno de uma questão comum, isto é, as relações entre as medidas de formação e a construção da nação. A tripla interrogação recolocava a função social da escola e o papel do magistério, dos educandos e das famílias na condução das políticas coletivas, na gestão das multiplicidades, no governo de si e dos outros. O bibliotecário da Corte, dono de escola, autor de livros e colaborador regular da imprensa no Brasil, aborda uma problemática clássica na teoria e na filosofia política, observável em muitos *presentes* e inspiradora de muitos estudos.

Em 1983, por exemplo, um especialista na história do sudeste asiático, lançou um livro que, em 1990, entrou na lista dos 100 livros recentes mais significativos na área de história e ciências sociais. Para se ter uma ideia do impacto do livro, até 2006, ele havia sido traduzido para 37 línguas.

Refiro-me a *Comunidades Imaginadas – reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*, de Benedict Anderson. Ao observar o relevo da questão da “nacionalidade” nos anos recentes, evidenciável tanto no desenvolvimento das Nações Unidas e nos conflitos existentes e gerados pelas “subnações”, como pelo fim das dinastias europeias e asiáticas em proveito de uma unificação estatal e linguística, o autor considera que o nacionalismo funciona como moral dominante no mundo político moderno. Contudo, apesar do papel cumprido pelo nacionalismo na sociedade moderna, argumenta que a compreensão deste fenômeno ainda se encontrava inadequadamente explicada. Nesse quadro, procura fornecer um fundo histórico para pensar a emergência do nacionalismo, seu desenvolvimento, evolução e recepção. Com isso, problematiza o surgimento do nacionalismo como resultado da transformação histórica do mundo europeu, deslocando o foco para o estudo das contribuições originais dos países colonizados e asiáticos, afastando-se assim dos estudos “eurocêtricos” a respeito das nações.

Se esse pode ser considerado um dos elementos explicativos para o sucesso do livro, o autor acredita a ampla circulação às polêmicas com as quais o livro se envolvia, seja no que se refere à historiografia sobre os nacionalismos, a crítica ao imperialismo inglês e

¹ Trata-se proprietário de escola, autor do livro *Em terra alheia: primeira viagem de instrução*. Rio de Janeiro: Imp. Lombaerts, 1895; *Estados Unidos do Brasil. Educação nacional*, 1890, e colaborador de vários impressos, dentre eles, a *Gazeta de Notícias* e o *Jornal da Tarde*. Também exerceu a função de bibliotecário da biblioteca pública da Corte (Blake, 1899).

norte-americano, seja por colocar em cena elementos novos para se compreender as *políticas coletivas*. Trata-se, no caso, da questão da vernacularização e o chamado capitalismo tipográfico que, na ótica do autor, permitiu inventar, unificar e tornar comum a heterogeneidade das forças e iniciativas de um dado território, estabelecendo uma espécie de isomorfia entre língua e fronteiras,² de modo a configurar uma morfologia básica das nacionalidades.

Isomorfia que foi amplamente favorecida pela expansão da palavra escrita, em língua nacional, estratégia importante para marcar o que deveria ser fixado, permanentemente retomado e capaz de ser reproduzido infinitamente no tempo e no espaço. O autor chama atenção para a presença e força da palavra escrita como dispositivo de comunicação que permitia controlar o que poderia circular e, ao mesmo tempo, o padrão das formas de comunicação pelo impresso. Para Anderson (2008), na diversidade de línguas humanas, o verbo fixado pela escrita criava de modo incisivo uma homogeneidade, indício de um processo de construção e reprodução de fronteiras linguísticas e cognitivas a serem consolidadas enquanto alicerces da nação moderna,³ cuja vida intelectual e comunitária passava a ser agitada de modo novo por meio da ação do editor⁴ e do agente postal.

A hipótese consistente de Anderson (2008), contudo, não parece ser original. Para demonstrar essa tese, longe exaurir os estudos existentes a respeito dessa matéria, realizei dois movimentos para dar sustentação à tese da imprensa como elemento de imposição e homogeneização cultural, presente em formulações anteriores. No primeiro movimento, me apoio em outro estudo norte-americano focado, neste caso, na história das revistas nos Estados Unidos. Em um segundo, e aqui me deterei um pouco mais, exploro um periódico editado na capital do Brasil entre 1877 e 1878, que se autodescreve como a primeira *folha* especializada nos domínios da educação e ensino no Brasil. Desse conjunto, apesar dos enquadramentos, procedimentos e situações de enunciação muito distintas, procurei extrair algumas notas comuns que destacam o relevo da imprensa e, de modo particular, da imprensa pedagógica na construção de um ofício especializado e na difusão de um largo conjunto de convenções necessárias para tornar possível se imaginar como parte de uma comunidade.

² Para Anderson (2008), esse se constitui em um dos pontos que favoreceu o aparecimento das nações. Outros estão associados a experiências prévias ligadas às religiões e dinastias, naquilo que supõem de pertencimento e projeto comuns, fundamento da ideia de nação.

³ Em uma chave de reflexão em torno de tese assemelhada, (Dutra & Mollier, 2006).

⁴ Os primeiros jornais americanos e sul-americanos publicavam notícias da metrópole, informações comerciais, preços, decretos coloniais, casamentos das pessoas ricas, reunindo em uma mesma página a estrutura da administração colonial e o sistema mercantil em vigor. Outro traço fecundo, consistia no caráter local dos jornais e a dimensão da existência de um mundo plural. A concepção de jornal também considera a refração dos "fatos do mundo" num certo mundo imaginado de leitores do vernáculo e a importância para essa comunidade da ideia de uma simultaneidade sólida e constante ao longo do tempo. (Anderson, 2008: 102-104).

Movimento 1 – História dos Jornais e das Revistas

Em 1939, Frank Luther Mott (1886–1964), jornalista e historiador, ganhou o prêmio Pulitzer de história pelo vasto projeto editorial de *A History of American Magazines* que, em seus 5 volumes, recobria a história das revistas norte-americanas de 1741 até 1930. O autor, contudo, também se destaca na história dos jornais.⁵ A esse respeito, assinala que esse produto tem um valor especial na vida norte-americana, constitutivo de um hábito das famílias, do desejo crônico e persistente de se buscar outro desenvolvimento para o qual o jornal concorria, oferecendo o conhecimento das coisas importantes que estavam acontecendo no mundo. Outra marca se refere às relações entre imprensa livre⁶ e democracia, em que a decisão final competiria ao povo que, por sua vez, reclamavam o direito ao “conhecimento adequado”, seja dos jornais que se dedicavam ao noticiário geral, os de opinião, religiosos, trabalhistas, agrícolas e comerciais, p. ex. Para Mott, todos participam da grande tarefa de difundir o “conhecimento adequado” (s/d: 9), o que foi facilitado por meio das inovações tecnológicas e barateamento do papel e da tinta, a ponto de tornar possível a “imprensa de tostão”. A indústria da informação que se constitui passa a apresentar uma complexidade cada vez mais acentuada, com a profissionalização do jornalismo, dos repórteres e com a organização das grandes agências de informação.

No que se refere à função primordial do jornal, isto é, divulgar notícias, Mott adverte que “notícia é coisa complexa”, pois uma publicação deriva de diversos motivos, para atender a diversas necessidades, em condições variadas e por meio de processos plurais. Para ele, havia, pelo menos, oito conceitos de notícia: como relato de fato atual, registro, fato objetivo, interpretação, fotografia, sensacionalismo, interesse humano e como predição.⁷ Em síntese, para ele

Esses são os oito principais conceitos de notícia que orientam um jornalista na sua tarefa de recolher e divulgar seu noticiário. São essas as ideias que influem mais ou menos conscientemente na mente de todo jornalista competente e produzem o fluxo diário de notícias nos Estados Unidos. É claro que essas ideias vão muito além das

⁵ Dentre outros, Mott também é autor de *American Journalism: a History of Newspapers in the United States Through 250 Years, 1690–1940* (Mott; 1941)..

⁶ Para ele, os jornais nos EUA não são controlados por partidos políticos, embora em sua maioria eles se identifiquem, até certo ponto, com um ou outro dos dois grandes partidos. Mesmo assim, eles se consideram geralmente “independentes” no sentido de que se esforçam por julgar os acontecimentos à luz de seus próprios méritos e não de um ponto de vista partidário. Independência que também se manifesta na relação com os anunciantes.

⁷ Ao trabalhar com uma tipologia de notícia em local, regional, nacional, estrangeira, o autor também chama atenção para a existência dos redatores especializados em diferentes campos da ciência: transporte, trabalhista, agrícola, oficial, esportivo, religiosos.

limitações aqui expostas, mas no final se enquadram todas num só padrão – um conjunto de notícias importantes e de leitura interessante. (s/d: 25)

Se com esse tipo de estrutura, o jornal cumpre as funções de noticiar, informar e divertir, a quarta função se desenrolaria nas colunas de anúncios, na medida em que apresentavam novas informações, novas ofertas e comunicações. Além disso, ao diminuir os custos de produção, a publicidade passou a incrementar, sem precedentes, o setor produtivo e mercado de consumo, com efeitos de mútua impulsão, cujo motor seria a propaganda.

Muitos dos elementos presentes na imprensa diária comparecem na estrutura do impresso periódico,⁸ na medida em que o *periódico* também articula um editor aos dispositivos de circulação, atenta para uma estrutura de informação de modo a atender aos supostos destinatários, à profissionalização em curso nos diferentes domínios do saber, o tipo de informação a ser processado e as condições humanas e materiais para preservar o dispositivo impresso e sua orientação.

Para Mott (1938), as antigas revistas exercem certo fascínio e, mais que os jornais, apresentam efetivamente "a condição autêntica da vida no momento em que foram publicadas". Em função disto, as investigações históricas deveriam explorar cada vez mais esse tipo de documentação para descobrir o que homens e mulheres faziam, pensavam e sentiam.⁹ Para isso, os estudos deveriam dedicar uma parte considerável de seus investimentos para analisar o conteúdo das revistas, bem como seus editores, anunciantes, datas, títulos e circulação. No entanto, para ele, o mais importante, consiste em responder à questão. *What did they print?* Para responder tal indagação, apresenta uma tripla exigência para os estudos dos periódicos:

1. Uma análise do desenvolvimento da produção da revista;
2. Estudo das transformações da forma e das técnicas;
3. Curso das políticas editoriais com relação ao conteúdo em um determinado período.

Com essas exigências, Mott chama atenção para a complexidade do trabalho com esse tipo de material e, um dos aspectos, refere-se à qualidade ou competência dos diferentes periódicos. Apesar de parecer óbvio, o autor ressalta que nem todos os periódicos gozam do mesmo prestígio, nem mesmo um único, sob diferentes gestões, tampouco dois artigos

⁸ A respeito do uso dos jornais como fonte para a pesquisa em história da educação no Brasil, (Vieira, 2007 e Faria Filho, 2006 e Limeira, 2012; dentre outros).

⁹ O autor acrescenta que o estudo das revistas também torna possível analisar os serviços que as mesmas prestam no sentido de democratizar o acesso à literatura e na sua economia. Ao lado disso, os arquivos dos periódicos fornecem uma inestimável história de seu tempo. (Mott, 1938: 3, v. I). A respeito do debate relativo a outras convenções do trabalho do historiador, (Albuquerque Jr, 2007).

sobre uma mesma questão, publicado em um determinado periódico, gozam necessariamente da mesma autoridade. Essa se constitui em uma das grandes dificuldades para o pesquisador que trabalha com esse tipo de documentação. Deste modo, para aumentar o rigor, aconselha levar em consideração duas espécies de evidências, *externas* e *internas*. As *externas* correspondem ao tipo de papel, estampas e ilustrações, bem como as diversas peças encontradas nas correspondências, reminiscências, jornais e outros registros deixados por editores, anunciantes e colaboradores. Já as *internas*, devem ser localizadas na própria matéria escrita, como as alianças entre editores e anunciantes com organizações, movimentos, escolas de pensamento ou forças econômicas.¹⁰

Ainda no campo das preocupações de ordem metodológica, o historiador-jornalista se esforça para precisar o universo e o estatuto dos documentos com que se trabalha. Deste modo, pergunta. Qual a diferença entre *revista*, *periódico*, *jornal*, *paper*, *revue*, *publicação*? Poderia a forma, conteúdos e periodicidade fornecer a base para uma taxionomia adequada e estável para aquilo que se imprime? Tais indicadores seriam suficientes para distinguir a multiplicidade das formas da palavra impressa?

Ao reconhecer variações no emprego desses vocábulos, sublinha que o termo *periódico* poderia ser o termo mais adequado, a palavra mais concisa para descrever esse tipo específico de produto. Opta, contudo, pelo emprego do termo *magazine* por sua maior popularidade e por ser mais significativo na experiência norte-americana. Em seguida, define o *magazine* a partir de alguns atributos, isto é, como um *panfleto* costurado ou grampeado, usualmente com uma capa, contendo material de leitura diversificado, publicado com alguma regularidade e uma forte conotação de entretenimento. Deste modo, na pesquisa realizada por Mott, todos os tipos de publicação seriada foram incluídos nesta classe, com quatro exceções: os jornais, anuários, relatórios oficiais e publicações em língua estrangeira.¹¹

O que procurei tratar até aqui? Busquei lembrar que a emergência da imprensa especializada na matéria pedagógica se encontra associada a um projeto mais amplo de políticas coletivas e que os impressos de modo geral, e os pedagógicos de forma mais precisa, integram movimentos de conformação das línguas e projetos nacionais, bem como de afirmação de um modelo de sociedade mediado pela escrita.¹² Se esses apontamentos gerais procedem,

¹⁰ O investigador deve estar precavido, não só contra fatores como dominação, propaganda e preconceitos, mas também com a falsidade, descuido e leviandade. (Mott, 1938: 5, Vol. I)

¹¹ O primeiro por pertencer a um campo específico de investigação. O segundo e o terceiro por constituírem um gênero especial de revista e, o quarto, por se encontrar submetido a influências e condições muito especiais que mereciam ser tratados separadamente.

¹² O campo da história da educação conta com expressivos trabalhos que manejam a imprensa pedagógica, seja os jornais diários, sejam os periódicos. Há estudos de caráter geral, como os de Caspard (1981-1991), De Vroede (1973-1987) e Nóvoa (1993). No Brasil, não temos registro de um trabalho geral, com o estatuto de repertório, embora haja inúmeros trabalhos com revistas. A coletânea organizada por Catani & Bastos (1997) fornece um quadro de parte importante dos investimentos realizados até finais dos anos 1990. Ver também Catani, 2002; Catani & Sousa,

cabe retomar à questão central posta anteriormente para analisar o que afinal se publica nos periódicos voltados para as questões educacionais. Como esse tipo de revista se associa à organização da sociedade e de um campo específico de saber? Que agenda as revistas especializadas no campo pedagógico procuram constituir e legitimar? Que agentes são mobilizados nesse processo? Para explorar esse questionário, trabalhei com alguns traços contidos no periódico *Escola – Revista Brasileira de Educação e Ensino*.

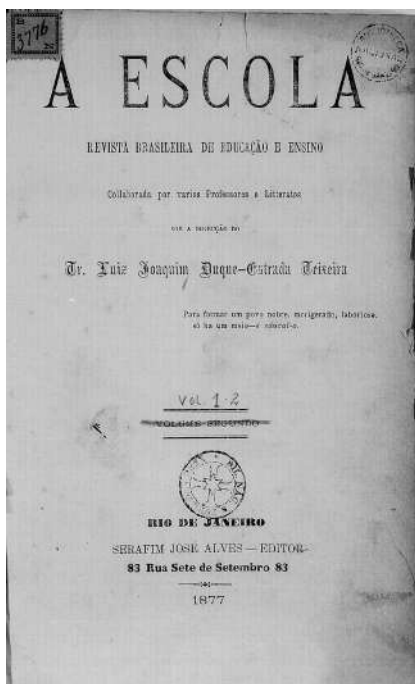
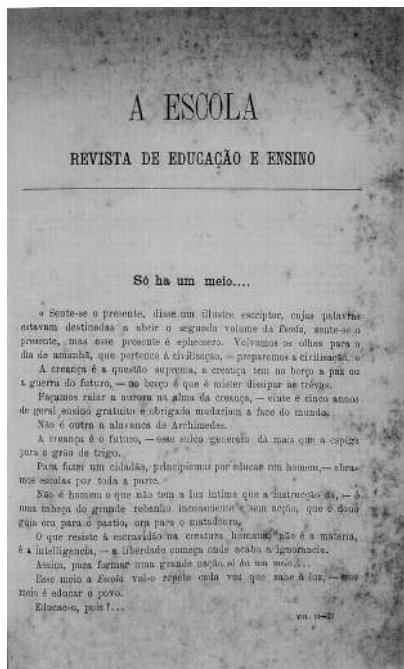
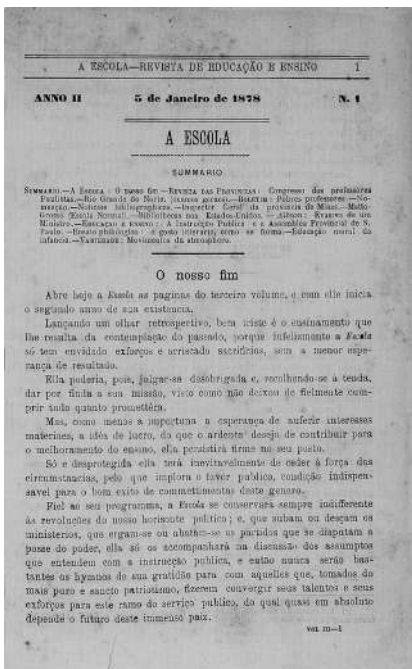
Movimento 2 – A Escola – Revista de Educação e Ensino

Para efeitos desse estudo, trabalhei com três volumes da revista, publicados entre janeiro de 1877 e junho de 1878, totalizando 78 números, entre 8 e 16 páginas.¹³ Nesse exercício, focalizei os princípios doutrinários contidos na revista, um grupo de elementos que permitem compreender a configuração assumida, bem como sua pauta. Ao recortar a revista em torno desses três núcleos, busco dar a ver como esse projeto editorial procurou interferir na organização de um campo de saber e na sua racionalização, articuladas a determinada ideia de progresso, atento ao conjunto de indicadores internos e externos da revista, tomando por base aquilo a que dá visibilidade.¹⁴

2001 e Carvalho, 2003 e Limeira, 2012, dentre outros. A partir dessa data, com a expansão do sistema de pós-graduação e com a legitimação das revistas como fonte e como problema para a pesquisa em história da educação, nota-se uma proliferação de estudos que podem ser acompanhados nas quatro revistas brasileiras especializadas no domínio da história da educação, bem como nos eventos regionais, nacionais e internacionais da área. Uma amostragem significativa dessa difusão pode ser acessada nos *Anais dos Congressos Brasileiro de História da Educação*, disponíveis na página da Sociedade Brasileira de História da Educação: <www.sbhe.org.br>.

¹³ A coleção disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional se encontra incompleta. Faltam, por exemplo, os números 4, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 31 e 32. <<http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em: 20/04/2014.

¹⁴ Todos os discursos implicam em escolha sobre o que falar, de que ponto de vista, para que tipo de público e, com isso, também excluem, põe a margem, imprimindo visibilidades diferenciadas aos problemas abordados. Portanto, aquilo que se imprime na revista *A Escola* se encontra marcado pelos procedimentos de organização, controle, delimitação e redistribuição do verbo/das palavras. Para Foucault há certo número de procedimentos de controle e delimitação dos discursos, alguns externos (tabu do objeto, ritual da enunciação e direito exclusivo ou privilegiado dos sujeitos), outros internos (comentário, autor e disciplinas) e outros articulados às posições dos sujeitos que falam (ritual, sociedades dos discursos, doutrina e apropriação social dos discursos). Para ele, a maior parte do tempo, tais procedimentos "se ligam uns aos outros e constituem espécies de grandes edifícios que garantem a distribuição dos sujeitos que falam nos diferentes tipos de discurso e a apropriação dos discursos por certas categorias de sujeitos" (Foucault, 1996: 44).



Imagens 1, 2 e 3. Capa dos três volumes. Fonte: A Escola. Revista Brasileira de Educação e Ensino, disponíveis na hemeroteca digital - <http://hemerotecadigital.bn.br/>.

Doutrina

O editorial do primeiro número da revista intitulado "Deus o quer..." apresenta uma dupla sinalização. A primeira se refere ao caráter missionário da iniciativa que, mesmo diante dos obstáculos, dificuldades, embaraços, temores e da esterilidade dos esforços de outros, não deveria desanimar os "soldados da instrução". O ambiente adverso e a derrota dos que antecederam deveria, ancorado na metáfora bíblica, retemperar e fortalecer a sublime empresa que principiavam. Cenário desfavorável que deveria ser tomado como estímulo para esforços ainda maiores, já que a ideia era grandiosa e enobrecia os que a defendiam.

A segunda sinalização remete ao foco da empresa, isto é, a instrução popular. Para os protagonistas do projeto, a instrução não era apenas o princípio do progresso, mas condição necessária à vida das nações. Para eles, a ignorância provocava o enfraquecimento, definhamento e morte, já as que viviam, prosperavam e dominavam; viviam, prosperavam e dominavam pela instrução. Tal premissa, contudo, não é apresentada no vazio. Ela vem ancorada nos exemplos da "força e grandeza" da Alemanha e da União Norte-americana que efetivaram a divisa "Educae o povo", enunciada por Willian Penn e atualizada por George Washington e Thomas Jefferson; três *founding fathers*.¹⁵

Missão e foco da *Escola* que se desdobrava em três linhas principais:

- Ministras um meio de instrução às classes menos favorecidas da fortuna;
- Reunir para o professorado as notícias, informações e esclarecimentos sobre os sistemas e métodos de ensino;
- Defender os direitos e legítimos interesses do magistério, público e particular.
- Ao final do primeiro editorial, afirma-se "o plano e vasto, a missão difícil, as forças reunidas insuficientes, mas *Deus o quer...*".¹⁶

Tais elementos doutrinários, retomados ao longo da existência da revista, foram objeto de um *Prospecto* que antecederia o número inicial, considerado como a "carta constitucional" do periódico; documento reproduzido na íntegra nas duas páginas iniciais do segundo número para que "fosse arquivado no corpo da *Escola*". A carta fundacional da Revista adere à tese de que, dentre as ideias que modernamente se agitavam em torno do aperfeiçoamento moral e material da humanidade, a instrução popular ocupava a primazia, fosse pela elevação

¹⁵ Respectivamente, fundador da Pensilvânia, primeiro presidente dos EUA (1789–1797) e terceiro presidente dos Estados Unidos (1801–1809). Jefferson foi o principal autor da declaração de independência (1776) e um dos mais ativos dos *Founding Fathers*, conhecido pela sua promoção dos ideais republicanos. Visualizava o país como a força por trás de um grande "Império de Liberdade" que promoveria o republicanismo e combateria o imperialismo do Império Britânico.

¹⁶ Grifos da própria revista.

de seus fins, fosse pela grandeza de seus efeitos. Tese mais uma vez sustentada nos exemplos dos Estados Unidos e Alemanha que “na difusão do ensino acharam o segredo da sua grandeza e da sua força” (Escola, 1877: 8), acrescentando

As demais nações, por mais econômicas que sejam, quando se trata de tão magno e palpante assunto, desapertam sem hesitação os cordões da bolsa, certas de que o dispêndio com a instrução do povo é como a semente que se atira na terra, “espalha-se um punhado que não matava uma fome e colhe-se uma seara que alimenta um povo”. (Escola, 1877: 8)

Em seguida, enumera uma série de “verdades simples e inconcussas”, derivadas diretamente da “religião do Crucificado”, tais como: abrir escolas é fechar cadeias; que despender centenas com a educação pública é aumentar em milhões o produto nacional das indústrias, artes e ciências; que instruir a cabeça do menino é dispensar a necessidade de cortar a do adulto. Jargões que atribuem e reforçam o caráter preventivo e produtivo das intervenções voltadas para a gestão dos indivíduos e das populações por via de uma educação tida como cada vez mais científica.

O *Prospecto* republicado no segundo número da Escola também havia sido publicado do jornal *O Constitucional – órgão do Partido Conservador*, de Belém do Pará, que circulava desde 1874 (Ver Imagem 4). A publicação se deu na 3ª página do número 289, de 23 de dezembro de 1876, cabendo registrar que, ao longo dos números iniciais de 1877, este jornal continuou a chamar atenção para o lançamento da revista a ser publicada na capital do Império.

O documento fundador procura construir uma determinada representação do novo periódico e de seu caráter nacional. Para os redatores do *Prospecto*, muitos eram os meios diretos e indiretos empregados pelas nações sabiamente governadas para derramar os conhecimentos junto às massas populares. Contudo, entre todos, a “imprensa pedagógica” deveria ocupar lugar distinto, já que consistia em elemento indispensável para elevar, todos os dias, o nível da instrução do magistério e transmitir aos professores colocados em pontos remotos do país a notícia dos progressos observados diariamente nos sistemas de educação e métodos de ensino. No entanto, no Brasil, se a instrução atraía alguma atenção do governo e despertava curiosidade pública, ainda não se compreendia a importância do “meio fácil e profícuo, talvez também o único” de que se podia dispor naquele momento para manter os professores “ao corrente dos melhoramentos e progressos da arte de educar e para dar certa uniformidade de vistas ao ensino nacional”.

Para dar prova da lacuna a que se referia, recorre à participação do Brasil na Exposição Universal da Filadélfia de 1876,¹⁷ que contara com a presença do Imperador do Brasil. Para

¹⁷ Ocasão em que se comemorava o centenário da assinatura da declaração de independência dos EUA.

essa exposição, a delegação brasileira apresentou alguns materiais do “nosso modo de ensinar”. Uma “nonada, sem dúvida”,¹⁸ quando comparado ao que se podia verificar na “grande república” que caminhava na vanguarda dos outros povos na matéria da instrução popular. Os redatores do *Prospecto* assinalam que entre as provas do atraso do Brasil, não figurara, nem mesmo como modesta aparência, aquilo que julgavam o “primeiro passo para a difusão das luzes e da educação –a imprensa pedagógica. E não figurou porque não existe”.¹⁹

Ao acentuar o caráter missionário e as dificuldades da empresa na carta fundacional e ao longo do curto ciclo de existência da revista, os redatores retomam os princípios gerais que deveriam conduzir a tarefa. Fixava-se, assim, a doutrina do periódico sintetizada nos três pontos anteriormente assinalados: *ministrar, reunir e defender*.

Configuração

A *Revista* e, provavelmente o *Prospecto*, podem ser creditados ao protagonismo de três homens. O professor Antonio Estevão da Costa e Cunha,²⁰ o dr. Luiz Joaquim Duque-Estrada Teixeira²¹ e o editor, Serafim José Alves.²² O primeiro dirige a revista até o n. 4, publicando regularmente na mesma ao longo de sua existência. A partir do n. 5, a direção passa para o segundo, com a manutenção do “ativo e popular” editor.

O número 1 foi publicado no primeiro sábado do mês de janeiro de 1877. Publicada todos os sábados, com 8 páginas, a revista poderia ser aumentada se as circunstâncias permitissem. Circunstâncias que também condicionariam a presença de estampas ou gravuras, daí o apelo aos funcionários da instrução pública “de todo o Império”, aos cidadãos

¹⁸ Na página 22 do número 2, a revista publica a relação das pessoas que obtiveram prêmio em objetos ou assuntos relativos ao ensino: o ministro dos negócios do Império, E. & H. Laemmer, Instituto de surdos-mudos, escola naval, escolas municipais de meninas, sociedade amante da instrução, liceu de artes e ofícios, escola da Imaculada Conceição (Ceará), Academia de Belas-Artes, Faculdade de Medicina, Instituto dos cegos, escola de meninas da Freguesia da Gloria e da Lagoa.

¹⁹ Autoproclamada como a primeira revista pedagógica de caráter nacional, os articuladores exageram no seu pioneirismo, pois há evidências consistentes da existência de outros periódicos anteriores a 1877, como pode ser localizado na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional. Dentre esses periódicos, podemos destacar *A Instrução Pública* – Folha hebdomadária, iniciada em 1872, ano em que foram publicados 38 números. Nos três anos seguintes, foram publicados 52, 52 e 22 números. Esse periódico reaparece em 1/8/1887, como folha quinzenal, permanecendo até 4/8/1888. Durante grande parte de sua existência foi dirigida pelo diretor da Escola Normal de Niterói, o professor José Carlos de Alambary Luz. A respeito desse autor, ver Villela (2002). Na hemeroteca, ver também *A verdadeira Instrução Pública* (1872) e *Sentinela da Instrução* (1875), dentre outros.

²⁰ A respeito da trajetória deste professor, ver Costa e Cunha (2008).

²¹ Bacharel, parlamentar, membro do Partido Conservador, monarquista e abolicionista. Em 1859 defendeu a tese Pena de multa com todas as questões theoricas e praticas a que podem dar logar os artigos 55, 56 e 57 do Codigo criminal.

²² A respeito desse editor, ver Hallewell (2005).

interessados na causa da educação popular, especialmente "os Srs. professores públicos e particulares, quer da Corte, quer das províncias" para que assinassem o periódico e contribuissem com o "curso de suas luzes para o completo desempenho da patriótica missão da ESCOLA."²³

O *Prospecto* publicado no jornal de Belém possui dois parágrafos que foram suprimidos na edição da *Escola*, nos quais divulgava a sede da revista, responsável pela gestão da pauta, redação e finanças, aspecto que envolve a definição de políticas para as assinaturas e publicidade.²⁴ No que se refere aos assinantes, o valor da anuidade era de 8\$000 e um número avulso custava 200 réis.²⁵ Quanto aos anúncios, para as capas, só seriam aceitos os de colégios, acessórios para os mesmos ou outros objetos relacionados ao ensino. Para termos uma noção do que esses valores representavam em 1876, na última página do número 289 do jornal paraense, ao lado de compra e aluguel de escravos (as), sem registro dos preços, aparece um anúncio de recompensa pela localização de um escravo fugido. Tratava-se de Joaquim Piatá, cor preta, de 45 anos pouco mais ou menos, aleijado das pernas (cambeta) e mal encarado. Quem capturasse o fugitivo seria recompensado em 200\$000, o que equivaleria a 25 anos de assinatura da *Escola*.

A veiculação da revista em um jornal na capital de uma grande província da região Norte,²⁶ a previsão de valor único da anuidade para a Corte e Províncias, o apelo aos assinantes de qualquer região e seu subtítulo indiciam a perspectiva de alcance nacional do periódico. Daí a preocupação com o aspecto financeiro, retomado ao longo do ciclo de vida da revista, expressa no número de folhas, na presença de ilustrações e na fidelização dos assinantes e leitores. Fidelização que também seria decorrente das prioridades assumidas pelo impresso, rebatidas, então, na pauta anunciada no *Prospecto* fundador.

²³ Destaque no original.

²⁴ Para se ter mais alguma ideia do valores praticados, a Loja do Sol anunciava na mesma página do órgão do Partido Conservador, uma calça de pano fino a 6\$000, uma camisa branca a 2\$000, caixinha com 100 folhas de papel e 100 envelopes a 1\$000, um lindo sortimento de lâzinhas, gosto primoroso, a 640 réis o côvado. (nota: Medida de comprimento que foi usada por diversas civilizações antigas. Era baseado no comprimento do antebraço, da ponta do dedo médio até o cotovelo. Ninguém sabe quando esta medida entrou em uso. O côvado era usado regularmente por vários povos antigos, entre eles os babilônios, egípcios e hebreus. O côvado real dos antigos egípcios media 53cm. O dos romanos media 44,5cm. O côvado hebreu media 44,7cm.)

²⁵ O que equivalia a quase dois tostões. Tostão era uma moeda de 80 réis no período Colonial e Imperial. Nessas moedas se via apenas o brasão real ou imperial.

²⁶ No número 20, de 1877, há uma notícia que remete à ação do correspondente da Escola na capital do Rio Grande do Norte. Trata-se do professor Tertuliano da Costa Pinheiro que teria publicado nota sobre o periódico da Corte nos jornais de Natal.

Agenda

Ao preencher a “sensível lacuna” em termos de imprensa pedagógica, tal como postulado pelo periódico, os redatores e o editor se comprometiam a publicar o arquivo das leis e decretos relativos à instrução, registrar todos os melhoramentos da arte de educar e funcionar como “órgão franco” para todo o professorado brasileiro, de quem esperavam o apoio e auxílio necessários a “uma empresa desta natureza”.

As oito páginas seriam ocupadas por “um ou mais artigos iniciais”, uma parte oficial com decretos, avisos e decisões do governo relativas à instrução pública, uma “revista das províncias”, um “noticiário ou boletim”, seguido de artigos literários, científicos, especialmente os pedagógicos. Ao lado dessa estrutura, a revista se comprometia, todas as vezes que se fizesse necessário, a tratar em “sessão especial” dos interesses e defesa do professorado.

Como se pode notar, ao se estruturar nesses termos, a revista pretendia ser percebida como tribuna para diferentes questões que afetavam a ordem do ensino. Na impossibilidade de explorar o conjunto da agenda, me detive no exame de um tema regular na revista. Trata-se de seis aspectos que envolvem a história da profissão docente: formação prévia, recrutamento, carreira, salário, agremiação e formação em serviço.

No que se refere à formação prévia, o debate instaurado incide sobre os professores que atuavam no início da escolarização, reconhecendo a existência de dois modelos. O das *oficinas*, caracterizado por uma formação mais artesanal, obtida pela/na prática profissional, e, o *escolar*, decorrente da experiência das escolas normais, representado como mais racional e mais científico. Essa polarização delinea os termos de um jogo concorrencial entre estes dois modelos. Nesse campo, a *Escola* adere ao padrão escolar de treinamento profissional, mobilizando argumentos apoiados em teorias de formação mesclados com testemunhos extraídos do universo polido e civilizado. Adesão que ajuda a compreender a publicação integral do Decreto 6397 (30/11/1876) por meio do qual a Princesa Imperial Regente e o Ministro dos Negócios do Império determinavam a criação de duas escolas normais primárias no Município da Corte, com matriz de três anos de duração. Tal decreto ocupa a quase totalidade do número inaugural, atestado do relevo do tema da normalização dos professores para a nascente revista, acento reforçado pela denúncia do não cumprimento do decreto em sucessivos números do periódico.

Quanto ao recrutamento, a linha da seleção pública, via editais, se vê constituída em procedimento para contratar os mais ajustados ao perfil *delineado* pelo poder público. No entanto, essa linha se mostra porosa pela existência de duas práticas, a que denuncia a corrupção existente nos concursos e as sucessivas isenções de exames para ingresso no magistério público e para abertura de aulas ou escolas privadas.

A questão da seleção criteriosa dos "verdadeiros mestres" é acompanhada da denúncia do clientelismo que imperava no processo de recrutamento dos professores, como aparece regularmente nas páginas da revista. De acordo com os articulistas, "da noite para o dia surgem nesta capital, e às centenas, uns intitulados *professores*,²⁷ que nunca professaram coisa alguma." Em compensação, eram os menos modestos para pretender e os mais apadrinhados para alcançar o que legitimamente deveria pertencer aos "verdadeiros mestres, homens experimentados e amadurecidos no magistério" (1877, n. 3).

O tema da carreira, sociologia do ofício e salário consiste em outro traço estável do periódico. Cabe chamar atenção para a indistinção da carreira e do que se paga para homens e mulheres que exerciam o magistério.²⁸ A diferenciação decorreria da localização das escolas e do nível/modalidade de ensino.²⁹ Neste caso, a continuidade dos enunciados relativos às condições de trabalho se faz presente para denunciar os baixos salários, condição agravada pelos constantes atrasos de pagamento, sobretudo do magistério primário. A primeira remissão a esse problema ocorre na edição de n. 6, por meio de uma nota intitulada "Província de Mato Grosso". A nota republica matéria do jornal *Liberal*, folha da cidade de Cuiabá, que denunciava que muitos professores continuavam sem receber seus vencimentos havia 4 ou 6 meses. De acordo com a nota, a má vontade da Tesouraria Provincial "levará esses infelizes a cárem em exercício findo e aguardarem o pão da subsistência para quando a assembleia decretar fundos!! Não pode haver mais flagrante injustiça". E continua "É sempre assim. Quando por falta de meios se tem necessidade de adiar o pagamento de alguns empregados, não se escolhem outros senão os professores públicos (...) Não parece isso uma tendência dos srs. Governadores para a ignorância, sua dileta filha?". Essa prática, objeto de denúncia regular nas páginas da revista, não se circunscrevia à Província de Mato Grosso. A revista também chama atenção para descaso semelhante na capital do império e em várias outras províncias, sinalizador adicional da falta de prioridade da área da educação nas políticas públicas.

No que se refere à organização mais ou menos autônoma dos professores, elas assumem formas variadas, sendo referidas, sobretudo no primeiro ano de funcionamento da *Escola*. O número 7 anuncia, por exemplo, a constituição em Espírito Santo do Pinhal, a fundação da sociedade "Amor à Instrução", cujos fins podem ser deduzidos da denominação, como consta na nota. O número 17, por sua vez, publica a notícia do Congresso de Professores, ocorrido

²⁷ Grifado no original.

²⁸ A igualdade salarial também pode ser verificada na tabela de vencimentos dos empregados da Escola Normal primária, prevendo-se o ordenado de 1:600\$00, acrescido de 800\$00, totalizando 2:400\$00 anuais para professores e professoras que atuassem na referida escola. Já os mestres e mestras, responsáveis pelo ensino de matérias mais artesanais, perceberiam 1:200\$00 anuais.

²⁹ A esse respeito, ver a tabela de vencimento anexa ao decreto 6479 (18/1/1877) publicado no n. 5, p. 64 da revista *A Escola*.

em Recife, Pernambuco, que se deu a partir da iniciativa de alguns professores, que convocaram o mesmo por meio de um convite anunciado nos jornais da cidade. Uma das finalidades do evento seria a constituição de uma “corporação distinta, com o fim de ser útil a si e a seus concidadãos”. De acordo com os signatários do referido convite:

Continuávamos nessa vida toda de vegetação, quando há pouco começou a chegar até nós a expressão dos sentimentos de alguns colegas do norte e do sul do Império, já no sentido de melhorar-se o magistério e já em benefício da própria classe. Foi em nome deste movimento progressivo que os signatários [...] entenderam que era chegada a hora de germinar a semente que há dezenas de anos existe plantada em nossos corações (*A Escola*, 1877: 198-200).

Nota-se que a construção de uma instância dos professores se constitui em medida considerada estratégica para o desenvolvimento do ofício e proteção de seus integrantes, atestado pela existência de agenciamentos similares em outros pontos do Brasil, ânimo adicional para a corporação recifense.

A formação em serviço também se constitui em notícia constante nas enunciações visibilizadas na *Escola*. As políticas para a uniformização do serviço de instrução podem ser notadas por intermédio de uma dupla ação. As conferências e a imprensa pedagógica. No primeiro caso, trata-se de reunião periódica de professores com o objetivo de debater pontos previamente estabelecidos, de modo a harmonizar e uniformizar as práticas da corporação. O segundo número noticia a realização das quartas Conferências Pedagógicas, sob a presidência do Barão de São Felix, com o registro dos que compareceram à mesma. No segundo caso, do que a *Escola* consiste em uma das expressões, na matéria intitulada “A imprensa e a escola”, o professor Castilho³⁰ da Freguesia de Campo Grande, defende que cumpria à imprensa continuar e levar adiante a obra da instrução pública iniciada pela escola. Para os professores primários, cada periódico ou publicação destinada à leitura do povo consistiria em uma escola de aplicação, e seus fundadores e redatores seriam incontestavelmente dignos de toda a benemerência pela valiosíssima cooperação a bem da instrução e progresso moral da sociedade (*A Escola*, 1877: 18).

³⁰ De acordo com o “Dicionário Bibliográfico Brasileiro” Francisco Alves da Silva Castilho, natural da freguesia de Nossa Senhora do Desterro de Campo Grande, freguesia suburbana do município neutro, foi nomeado professor público da instrução primária em 5 de fevereiro de 1849, na mesma freguesia onde nascera. Ao longo de sua trajetória, escreveu métodos de leituras e compêndios, tais como: *Methodo para o ensino rápido e aprazível de ler impresso, manuscrito e numeração*, e *descrever*, 1850; *Methodo de leitura para o ensino dos meninos e adultos*, 1863; *ABC do amor, ou methodo ameno de ensinar as moças, conforme o systema da Escola Brasileira*, 1864; *Preliminares de Grammatica*, 1864; *Grammatica pittoresca ou systema grammatical explicado pela arvore da sciencia*, 1864; *O principio da sabedoria é o temor de Deus*, 1872; *Analyse e considerações sobre o relatório da comissão dos estabelecimentos de instrução primaria do município da corte*, 1874 e *Manual explicativo ou Methodo de Leitura denominado Escola Brasileira*, 1869. (Blake, 1899).

Nas duas políticas, o efeito desejado era o de impedir o isolamento e ação parcelada dos mestres.³¹ Políticas que poderiam ser consideradas pistas de que a intervenção na sociedade via escola deveria seguir convenções que, por sua vez, deveriam estar afinada com iniciativas mais gerais que se pretendia executar, de modo a conferir uma possibilidade de se imaginar parte de um projeto comum. Projeto que também participava do complexo processo de forjar e fazer progredir as nacionalidades.

Considerações finais

Em 1878, o professor que assina pela letra L, apresenta uma série de recomendações para a Assembleia da Província de São Paulo, abordando problemas relacionados aos métodos de ensino, estruturação das aulas, escolas mistas, aluguel e prédios escolares, compra de móveis e utensílios, escola normal, vencimento dos professores, orçamento para a instrução, escolas noturnas "para os que empregam o dia em ganhar o pão do corpo", criação de bibliotecas e caixas escolares e, por fim, recomendava o auxílio indispensável à imprensa que tratava da educação e ensino. Para tanto, recomendava que a Assembleia autorizasse o governo a fazer cinquenta assinaturas da revista *A Escola*, de modo que a mesma pudesse ser distribuída aos professores da escola normal e seus alunos, pela inspetoria geral. Para o anônimo professor, a revista *A Escola* era a única que desempenhava bem o dever de pugnar pela instrução e educação dos brasileiros. Deste modo, sua leitura por parte das autoridades e professores proporcionaria, com certeza, um grande bem à instrução.

As vastas recomendações do professor paulista parecem reproduzir, reforçar e legitimar a pauta do periódico que recomendam. Funde, assim, as prescrições explicitadas e a revista a ser assinada que, mutuamente reforçadas, criariam um ambiente favorável para adoção das medidas que deveriam estar acima dos "ódios políticos" dos parlamentares que, deste modo, cumpririam com seus deveres e se tornariam dignos dos sufrágios do eleitorado paulista.

No entanto, como se tratava de uma revista de caráter nacional, a fusão das prescrições para o governo de SP com as da própria revista dão a ver traços de uma política que, referida ao plano provincial, multiplicada pelo impresso, pretendia promover um efeito mais global, permanente e nacional. O que parece se encontrar efetivamente em jogo remonta ao questionário da epígrafe, do proprietário de escola na capital do Império do Brasil que, aderido à força modeladora da escola, sustentava seus benéficos e múltiplos efeitos no interior da corporação, do alunado e das famílias. Ao visibilizar o trinômio professor, aluno e família, que

³¹ O editorial que encerra o primeiro volume da *Escola*, intitulado "A Escola – duas palavras aos eleitores", Costa e Cunha, secretário e cronista da revista, afirma de modo contundente que três elementos são responsáveis pela constituição do bom professor primário: a escola, a conferência e a imprensa pedagógica. (1877: 281, n. 26)

aspectos sombreava e/ou interditava? Que papel a imprensa de formação pode cumprir na esfera de um projeto de modelagem que a revista integra como força e resultante? Até que ponto e em que grau as postulações publicadas em um efêmero jornal da capital do Império brasileiro são compartilhadas por outros sujeitos em diferentes espaços e tempo? Por fim, retomando a epígrafe, de que vale o professor, o que recebem os alunos e que esperanças podem ser nutridas com base nos projetos coletivos urdidos por aqueles que acreditam na racionalização da pedagogia, na profissionalização do magistério e na organização social protagonizada pelo Estado? O questionário que retomo e com que encerro essa reflexão reenvia a alguns aspectos explorados nesse estudo, apontando, contudo, para um horizonte de pesquisa fertilizado pela tentativa de se inscrever a palavra especializada em educação em uma cadeia multivetorial, procedimento que torna perceptível as complexas mediações de que resulta, a que se encontra conectada e que favorece. Com esse procedimento, as orientações doutrinárias, a configuração da revista e sua pauta plural se veem entretecidas, ao mesmo tempo em que aí não se esgotam, demonstração de que a emergência da imprensa pedagógica deve ser percebida como parte de um projeto de organização de um saber, ou melhor, de uma política dos saberes, vinculada, por sua vez, aos jogos institucionais e performances de sujeitos decididamente interessados no processo de afirmação ou enfraquecimento das nações e da pedagogia como arte, ciência e poder.

Fontes

Bibliografia

- Albuquerque Junior, Durval (2007), *História – a arte de inventar o passado*, Bauru, Brasil, EDUSC.
- Anderson, Benedict (2008), *Comunidades Imaginadas, reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo*, 2ª reimpressão, São Paulo, Companhia das Letras.
- Blake, Augusto Sacramento (1883-1902), *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Typographia Nacional.
- Carvalho, Marta. M. C. (2003), *A Escola e A República e outros ensaios*, Bragança Paulista, EDUSF.
- Caspard, Pierre (1981-1991), *La presse d'éducation et d'enseignement du XVIII siècle à 1940 – Répertoire analytique*, 4 vols., Paris, INRP/CNRS.
- Caspard, Pierre & Caspard, Pénélope (1997), "Imprensa pedagógica e formação contínua de professores primários (1815-1939)", in Catani, Denice & Bastos, Maria Helena C. (orgs), *Educação em Revista, a imprensa periódica e a história da educação*, São Paulo, Escrituras, pp. 33-46.
- Catani, Denice. B.; Sousa, Cynthia Pereira de (2001), "A geração de instrumentos de pesquisa em história da educação: estudos sobre revistas de ensino", in Diana Gonçalves Vidal; Maria Lúcia Spedo Hilsdorf. (Org.), *Brasil 500 anos: tópicos em história da educação*, São Paulo, Editora da USP, pp. 241-254.
- Catani, Denice. B. (2002), *Educadores à meia-luz*, Bragança Paulista, Editora da Universidade São Francisco.

- Cunha, Beatriz Rietmann da Costa (2008), "Experiências de professores primários na Corte Imperial: A trajetória de Antonio Estevão da Costa e Cunha", SBHE: *Anais do V Congresso Brasileiro de História da Educação*, documento em PDF, disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/pdf/195.pdf>> (data de consulta: 20/06/2014).
- De Vroede, Mauritis (1973-1987), *Bijdragen tot de geschiedenis van het pedagogisc in d 19de em 20ste eeuw. De periodieken*, 6 vols., Gent, Université de Louvain.
- Dutra, Eliana F. & Mollier, Jean-Yves (Orgs.) (2006), *Política, Nação e Edição: O lugar dos impressos na construção da vida política, Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX*, São Paulo, Annablume.
- Faria Filho, Luciano M.; Chamon, Carla S.; Rosa, Walkíria M. (2006), "Imprensa e Educação em Minas Gerais na primeira metade do século XIX: um estudo a partir do jornal O Universal (1825-1842)", in Faria Filho, Luciano Mendes; Chamon, Carla S.; Rosa, Walquíria M. (Org.), *Educação elementar: Minas Gerais na primeira metade do século XIX*, Belo Horizonte, Editora UFMG, pp. 11-30.
- Foucault, Michel (1996), *A ordem do discurso*, São Paulo, Loyola.
- Gondra, José & Schueler, Alessandra (2007), *Educação, poder e sociedade no Império Brasileiro*, São Paulo, Cortez.
- Hallewell, Laurence (2005), *O livro no Brasil – sua história*, São Paulo, EDUSP.
- Limeira, Aline M. (2012), "Impressos: veículos de publicidades, fontes para História da Educação", em *Cadernos de História da Educação*, vol. 11, n. 2, jul.-dez., pp. 367-388.
- Mott, Frank Luttther (s/d), *Uma imprensa livre – A história do jornal nos Estados Unidos*, Estados Unidos da América, Serviço de Divulgação e Relações Culturais dos Estados Unidos da América.
- _____, (1938), *A history of american magazines (1741-1850)*, vol. I, Massachusetts, Harvard University Press.
- _____, (1938), *A history of american magazines (1850-1865)*, vol. II, Massachusetts, Harvard University Press.
- _____, (1941), *American Journalism: a History of Newspapers in the United States through 260 years, 1690-1940*, Revised edition, New York, Macmillan.
- Nóvoa, António (1993), *A imprensa de educação e de ensino – Repertório analítico (séculos XIX e XX)*, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional.
- Thursfield, Richard Emmons, (1945), *Henry Barnard's American Journal of Education*. Baltimore, The Johns Hopkins Press.
- Vieira, Carlos Eduardo, (2007), "Jornal diário como fonte e como tema para a pesquisa em História da Educação: um estudo da relação entre intelectuais, educação e modernidade" in Oliveira, Marcus Aurélio Taborda (Org.), *Cinco estudos em História e Historiografia da Educação*, Belo Horizonte, Autêntica Editora, pp. 11-40.
- Villela, Heloisa (2002), *Da palmatória à lanterna mágica: a Escola Normal da Província do Rio de Janeiro entre o artesanato e a formação profissional (1868-1876)*, tese de doutorado, São Paulo, FEUSP.

Periódicos

- A Escola. Revista Brasileira de Educação e Ensino*, 1877. <<http://hemerotecadigital.bn.br/>>.
- Revista Brasileira de História da Educação*. <www.sbhe.org.br>.
- Revista História da Educação*. <<http://seer.ufrgs.br/asphe>>.
- Revista Histedbr On-line*. <<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/histedbr/issue/current>>
- Cadernos de História da Educação*. <<http://www.seer.ufu.br/index.php/che/>>

José Gonçalves Gondra. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. Doutor em Educação, Linha de investigação: História e Historiografia da Educação. Publicações mais recentes: (2011), Gondra, José G. & José Claudio Sooma da Silva, (Org.), *História da Educação na América Latina: Ensinar & Escrever*, Rio de Janeiro, Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; (2014), Gondra, José; Menezes, Roni & Silva, Maria de Lourdes (orgs), *História da Educação no Rio de Janeiro*, Instituições, Saberes, Sujeitos, Rio de Janeiro, EDUERJ.

Recibido: 20 de mayo de 2014

Aceptado: 6 de septiembre de 2014